

MACEDO, José Agostinho de (11/09/1761-02/10/1831)

A ambiguidade e o arrojo são talvez a marca dominante da vida e da obra de José Agostinho de Macedo (JAM), nascido em Beja, em Setembro de 1761. Iniciou a sua carreira como frade da Ordem dos Gracianos (1778), de onde foi expulso (1792) – após quatro sentenças que lhe imputam crimes de apostasia, de furto, de fuga com arrombamento e outros delitos graves –, e terminou-a como “mercenário da palavra”, um autêntico líder de opinião ao serviço da Igreja. JAM é um dos últimos redutos ideológicos das doutrinas absolutistas.

Faleceu em 1831, na sequência de doença prolongada, mas sem nunca largar a pena.

Refira-se que a época em que viveu teve a mesma chancela de incerteza por força dos acontecimentos que a pontuaram: invasões francesas (1801-08; 1809; 1810-1814); “exílio” da família real no Brasil (1807-21) e as sucessivas regências; difusão das ideias liberais com consequente revolução de 1820 e a implantação do governo constitucional; independência do Brasil (1825); contra-revolução da Vila-Francada (1823) e o restabelecimento do absolutismo sob a égide de D. Miguel – para referir apenas os de maior relevância.

JAM não se conformou com a sentença de expulsão. Mercê da amizade de diversas pessoas influentes na Igreja e na corte e de engenhosas diligências jurídicas, não só consegue a anulação da sentença como interpõe na Cúria romana um breve para a sua secularização, que obtém no início de 1794. Em Março desse ano, por decisão do Arcebispo de Lacedemónia, JAM passa ao «estado de presbítero secular», podendo «dizer missa, e usar das suas ordens»¹.

Tão peculiar e confortável “estado” não podia ser mais favorável ao desenvolvimento das ambições que JAM já acalentava: alcançar o reconhecimento público dos seus méritos literários, inicialmente poéticos, mas a universalidade parece ser o seu horizonte. Concebeu comédias e dramas, alinhou dissertações filosóficas e redigiu análises políticas, enfim, deixou uma obra imensa, intensa e eclética.

Ainda antes da chegada do breve, é admitido como amanuense no *Jornal Encyclopedico*, onde começa a editar algumas peças poéticas. Estas, reunidas em pequenos conjuntos, são também impressas, por sua iniciativa, em formato de folhetos e opúsculos. Dedica-se também a traduzir poetas clássicos (Stacio, Horácio, etc.) e sobe regularmente aos púlpitos de Lisboa. Rapidamente atrai a atenção do público e dos poderes, ao ponto de, em Novembro de 1802, quando foi criada a classe dos pregadores régios, ser um dos primeiros nomeados!

JAM vai assim tecendo uma imagem pública controversa, mas que lhe rende grande popularidade. Por um lado, e a acreditar nos seus biógrafos e nas

¹ “Setença executória do Breve de secularização passado a favor de Fr. José de Santo Agostinho”, in SILVA, Innocencio Francisco da, *Memórias para a Vida Intima de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1899, p. 181.

denúncias dos seus “inimigos”, levava uma vida libertina, quer à luz dos costumes da época quer da sua condição de padre. Um “escândalo” que envolvia mulheres, bebedeiras e arruaças em Alfama e no Bairro Alto. Por outro lado, cultivava relações de amizade com altas dignidades da Igreja e da nobreza, que aliás não poupam esforços para o proteger e enaltecer o seu talento: a mestria com as palavras. É aí que reside a sua força, que modela com igual facilidade para o sermão mais eloquente e casto ou para a sátira mais mordaz e obscena em defesa da sua obra e das suas doutrinas.

Foi um dos mais aguerridos participantes das disputas poéticas que se desenvolveram a partir do *botequim das Parras* e da *Nova Arcádia* e que marcaram o pré-romantismo. Naquela última sociedade literária adoptou o pseudónimo *Elmiro Tagídeo*.

De Manuel Maria du Bocage (1765-1805), com quem manteve uma relação literária de amor-ódio que ficou famosa, dizia: «(...) Tu, que a soldo d’um frade, ao mundo embustes/Rasteiras copias de originaes soberbos!/Que vulto fazes tu? quaes são teus versos?/Teus improvisos quaes? Glosar tres mottes/Com Lugares comuns de facho e setas,/Velhos arreios do menino Idalio?(...)»². JAM estava convencido da sua genialidade e não admitia que lhe fizessem sombra, mas em Bocage tinha um adversário à sua altura: «(...) Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva/Tenaz verdade, que te rói por dentro:/Na voz deprimas o que admiras n’alma. (...)»³.

Animosidade de igual calibre e maior duração manteve com o poeta Nuno Pato Moniz (1781-1826). Este, discípulo e amigo de Bocage, foi uma das muitas vozes críticas que alimentaram a celeuma em volta do poema épico *Gama* (1811), com o qual JAM pretendia suplantar os *Lusíadas*, de Camões. O poema inicial foi objecto de sucessivos melhoramentos e correcções, adoptando por fim o título de *Oriente* (1814). A polémica arrastou-se anos a fio através de folhetos avulsos, artigos na imprensa e foi até a razão principal do lançamento do periódico *O Espectador Português*, que JAM publica no período 1816-18.

Por esta altura, e em face das convulsões que varriam a Europa, JAM divide a sua atenção por outros domínios – e, entre eles, o da política. Opõe-se aos ideais da revolução francesa e é um adversário obsessivo dos *pedreiros livres* e dos jacobinos. Mas, na sequência das invasões francesas, ridiculariza com igual veemência os *sebastianistas* que, orquestrados pela Igreja, cantam o regresso do *Encoberto*. E considera a saída do rei para o Brasil e a sua separação de Portugal um erro político de amplas consequências, já que «era do interesse commum a continuação da monarchia portugueza no estado em que existia antes da sua destruição; esta destruição enfraquece as potencias do continente, e só engrosa infinitamente o poder, a opulencia, e a soberania

² MACEDO, José Agostinho de, “Sátira a Manuel Maria du Bocage”, in SILVA, Innocencio Francisco da, *Op. Cit.*, p. 327.

³ BOCAGE, Manuel Maria du, “Pena de Talião, Resposta à sátira antecedente”, in SILVA, Innocencio Francisco da, *Op. Cit.*, p. 333.

de Inglaterra: remove para sempre a época de uma paz sólida, vantajosa, e permanente, e reduz à extrema desgraça os míseros portugueses europeus»⁴.

A sua tão propagandeada oposição à monarquia representativa, além das inúmeras inimizades que fora cultivando, colocam-no numa posição desconfortável quando, em Agosto de 1820, eclode no Porto a revolução liberal. JAM manteve-se afastado da vida pública procurando não atrair as atenções. De acordo com alguns dos seus biógrafos, os novos governantes, cientes do seu capital de popularidade e da destreza da sua pena, terão tentado atraí-lo com funções honoríficas e bem remuneradas, como o de redactor do *Diário das Côrtes*. Mas foi paz de curta duração, ou porque se lhe malograram as expectativas de benefícios, ou porque a sua personalidade impetuosa e virulenta não se conteve perante a continuada campanha que o denunciava como inimigo das novas instituições, ou por ambas.

Com a publicação, em Fevereiro de 1821, do libelo *Exorcismos contra periódicos e outros malefícios*, rebentam as hostilidades. Mais folhetos, muitos artigos na *Gazeta Universal*, conotada com o partido absolutista, e JAM é presente ao Tribunal de Liberdade de Imprensa (1822). Embora saia ilibado, o episódio quebra-lhe o ânimo, e decide tornar pública a decisão de se afastar da luta política através do *Manifesto à Nação ou últimas palavras impressas* (1822), onde exprime o seu ressentimento pelas injustas perseguições de que é vítima, afirma a sua devoção às novas instituições e remata com um insinuante reparo e uma advertência velada, como era seu estilo: «Se me conhecessem, me poderião empregar. (...) Ha um Deus Remunerador, ele se revelará em o ultimo dia de todos os seculos.»⁵

Não foi preciso esperar tanto. Em Maio de 1823, dá-se o triunfo da contra-revolução com a Vila-Francada e JAM põe imediatamente a sua pena em acção contra os liberais. É o tempo da *Tripa Virada*, onde põe a nu a sua faceta cínica: tudo o que dissera sobre os liberais não passara de uma farsa para salvar a pele. Este periódico apenas conheceu três números, tal era o nível de violência e despudor dos seus textos. JAM substitui-o pela *Tripa por uma vez*, de composição mais refreada. Mas, a partir de 1828, quando se estabeleceu o regime absoluto de D. Miguel, JAM retoma o seu estilo exaltado e reclama mesmo a eliminação física dos liberais: «Trabalhar o cacete, desandar o bordão, descarregar o arrocho, são axiomas eternos e invariáveis de justiça.»⁶

Apesar da sua avançada idade (67 anos) e das doenças que o atormentam, JAM continua a produzir textos onde defende a doutrina absolutista e o regresso dos Jesuítas a Portugal, considerada essencial para a consolidação do regime. A numerosa correspondência que manteve com altas dignidades eclesiásticas, dá testemunho inequívoco de que é a Igreja que lhe encomenda

⁴ MACEDO, José Agostinho de, "Parecer Dado Ácerca da Situação e Estado de Portugal Depois da Sahida de Sua Alteza Real e Invasão que n'este Reino Fizeram as Tropas Francesas", in, *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opúsculos*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1900, p. 296.

⁵ MACEDO, José Agostinho de, "Manifesto à Nação ou ultimas palavras Impressas de José Agostinho de Macedo", in SILVA, Innocencio Francisco da, *Op. Cit.*, pp. 343-344.

⁶ *Besta Esfolada*, nº 16, Lisboa, 1828

e financia as edições, como é o caso da *Besta Esfolada*, de 1828, onde analisa causticamente a Constituição: «Li a Besta 12.^a, e creia V. S.^a que me agoniei bastante; vem ridiculamente transfigurada, e me envergonha a sua publicação.»⁷

A sua última obra foi o *Desengano*, publicado entre 1830-31, onde continuava a incitar o povo contra os liberais: «correada», reclamava ele, «não só que deixe vergão, mas que escorra sangue, e só o sangue do açoite cura orates e pedreiros.» - uma desfaçatez que só a certeza da proximidade da morte podem explicar. Faleceu em Outubro de 1831.

Bibliografia: *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opúsculos.*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1900; *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. XV, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d.; *O Espectador Portuguez*. Jornal de Litteratura e de Crítica, Lisboa, Imprensa de Alcobia, 1816-1818; SILVA, Innocencio Francisco da, *Memorias para a Vida Intima de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1899.

Rita Correia
(26.10.2007)

⁷ MACEDO, José Agostinho de Macedo, “Carta dirigida ao Padre Frei Joaquim da Cruz, Procurador Geral do Mosteiro de Alcobaça”, in *Obras Inéditas de José Agostinho de Macedo* (...), p. 25.